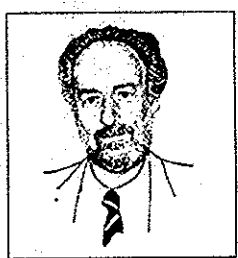


WASHINGTON NOVAES

O retorno das amazonas

Qualquer que seja o desfecho da votação do Código Florestal no Congresso, fica uma impressão penosa: o Brasil ainda não tem uma visão clara do privilégio de dispor da Amazônia, dos cerrados, da mata atlântica, do Pantanal, dos campos do Sul.



Quem sabe elas reaparecem para nos indicar as trilhas do futuro?

Não é preciso enumerar mais

uma vez o cortejo de barbaridades que os "ruralistas" incluíram no seu projeto e que não têm outro objetivo que permitir mais desflorestamento, mais avanço da fronteira agropecuária, especialmente na Amazônia, mais vantagens para os países importadores de grãos, eletrointensivos e madeiras, que deixam por nossa conta os altos custos ambientais, energéticos e econômicos.

É certo que o ministro do Meio Ambiente tomou posição contra a aprovação e o próprio presidente da República, à última hora, se manifestou contra o projeto. Mas o Ministério do Meio Ambiente é um gueto isolado e sem recursos no meio de políticas oficiais que só contribuem para o avanço desordenado na Amazônia e em outros biomas.

De pouco tem adiantado a ciência cansar-se de repetir que os solos amazônicos, na sua quase totalidade, são inadequados para a agropecuária: o próprio Ministério do Meio Ambiente mostra que temos quase 200 mil km² de Amazônia desmatados sem nenhuma ocupação econômica. Quem conhece a Amazônia sabe: após uma ilusão inicial de alta fertilidade para espécies exóticas, em seguida ao desmatamento, sobrevém a rápida decadência e o esgotamento.

A possibilidade amazônica é outra. Detentora da maior megadiversidade do planeta, a ela está reservado o futuro,

maiores emissores de carbono a partir do desmatamento (como assinalou o ex-ministro José Goldemberg).

Inventar o futuro da Amazônia passa, como tantos estudos e discussões – inclusive da Agenda 21 – têm mostrado, por um zoneamento ecológico-econômico exigente (não para liberar o desmatamento), pela gestão rigorosa das bacias hidrográficas, pela recuperação de áreas desmatadas (inclusive criando sumidouros de carbono), por uma agroindústria fundada em produtos regionais, pela criação da marca Amazônia, por um ecoturismo responsável, pela implantação de fontes alternativas de energia, pelo ICMS ecológico, pela certificação de madeira proveniente de manejo suportável, pela revisão dos megaprojetos geradores de enclaves, pela eliminação da guerra fiscal e dos incentivos fiscais espúrios, indutores de processos de corrupção. Por

os novos formatos de viver e relacionar-se com o meio ambiente. Guardiã da maior reserva de águas doces do planeta, será dona de um privilégio incalculável no século da "crise da água". Contribuinte decisiva para o equilíbrio climático, se desaparecer colocará o Brasil em situação difícil, como um dos

muitas coisas.

Já erramos demais. Não podemos continuar repetindo os equívocos do Polonoroeste. A Amazônia não pode ser o desaguadouro de tantos problemas brasileiros – o minifúndio no Sul do País gerando a migração; os desequilíbrios regionais de renda, principalmente no Nordeste, causa fundamental do garimpo e da invasão de terras indígenas; a necessidade de exportar a qualquer preço, determinando a implantação de hidrelétricas (calamitosas do ponto de vista ambiental) para vender ao exterior eletrointensivos, e ainda com subsídios; a reforma agrária sem cuidados, fugindo aos confrontos político-econômicos de outras áreas do País, mas contribuindo poderosamente para o desmatamento (mais de 50%); os enclaves minerais, ilhas de aparente prosperidade em meio à miséria; e assim por diante.

E, se não queremos repetir erros, é preciso rever estratégias oficiais, a começar do Avança Brasil. Reconsiderar projetos de expansão da agropecuária na região. Pôr fim ao descabro de 80% da madeira ser extraída ilegalmente. Conceber e implantar políticas capazes de avançar onde a Amazônia precisa – no uso sustentável de sua diversidade biológica, na implantação de uma economia que respeite as vocações naturais.

É preciso inventar um futuro para a Amazônia; 500 anos de ocupação da área já mostraram que não são equívocos e mesquinhas que farão isso.

Há uns 20 anos, o autor destas linhas chegou uma noite a uma aldeia dos índios maués, no Rio Andirá. Queria gravar cenas para um documentário de TV. Pediu ao chefe da aldeia, ele disse que era preciso consultar a comunidade. Reuniu todo o povo na Casa dos Homens e puxou prosa.

Quando lhe perguntei o que era "mangaratai", enfiou-se no mato, levou meia hora para voltar, sorridente, com um pedaço de gengibre na mão. "Mangaratai", disse ele, contente por satisfazer a curiosidade de alguém que conhecera havia poucos minutos. Quando lhe disse que nosso cameraman estava com as costas queimadas pelo sol, sumiu de novo, voltou 20 minutos depois com uma bacia cheia de tapioca e água, com que aliviou suas dores. Depois de tanta gentileza, explicou à sua gente quem éramos, o que queríamos, perguntou se alguém tinha alguma coisa contra. Não tinham, riam muito, divertiam-se na sua democracia participativa.

Fui dormir e, quando botei a cabeça fora da janelinha do barco, só via estrelas no céu feérico (estrelas dos dois hemisférios) e estrelas refletidas nas águas escuras do Andirá – um mundo só de água e estrelas, a Amazônia.

No Rio Nhamundá, a gente que por ali vive não tem dúvida de que as amazonas não são uma lenda, continuam vivas "pra lá das cachoeiras de Roraima, para onde fugiram". E nas noites de lua cheia, vêm banhar-se em meio à profusão de flores brancas do Lago da Serra do Espelho da Lua, primeiro ponto iluminado por ela quando surge por detrás de uma colina.

Quem sabe um dia desses as amazonas reaparecem para nos indicar as trilhas do futuro?

P. S. – Em viagem (inclusive pela Amazônia), estarei ausente deste espaço nas próximas semanas.

